

Controvérsias epistêmicas: a cannabis/maconha como objeto da comunicação¹

Amanda Thomaz MONTEIRO²
Rennan Lanna Martins MAFRA³
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG
Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

RESUMO

Propomos olhar para as controvérsias em relação à cannabis/maconha como um problema pertinente à comunicação e a compreendê-las como um possível objeto de estudo da área. Tratamos das controvérsias epistêmicas com Latour (1994, 2000, 2012) e das arenas transepistêmicas com Knorr-Cetina (1981). Seguimos com as reflexões de França (2001, 2016) e Braga (2007, 2016) sobre a epistemologia do campo da comunicação. Ao final, argumentamos que as controvérsias em torno do tema têm legitimidade epistemológica como objeto da comunicação, concebida como processo relacional produtor de efeitos sociais na interseção entre interlocutores, discursos e contexto.

PALAVRAS-CHAVE: cannabis; maconha; comunicação; controvérsias; epistemologia.

1. INTRODUÇÃO

A planta descrita sob o nome de *Cannabis sativa L.* possui diversos sinônimos, dentre eles maconha, e as controvérsias contemporâneas em torno do tema no Brasil se dão por interesses diversos, como os econômicos, científicos, terapêuticos, raciais, geoestratégicos, políticos e culturais, que situam a questão como um problema público e fazem emergir novos interessados no assunto (BRANDÃO, 2014).

Nossa proposta é olhar para as controvérsias em relação à cannabis/maconha como um problema pertinente ao campo da comunicação, buscando compreendê-las como um possível objeto de estudo da área. A motivação para o desenvolvimento deste trabalho é posicionar o tema como uma questão epistemológica para buscar a validade do objeto no domínio científico da comunicação.

¹ Trabalho apresentado na DT 8 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação, do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), email: amandathomaz.monteiro@estudante.ufjf.br

³ Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor na Universidade Federal de Viçosa (UFV) e no PPGCOM da UFJF, e-mail: rennan.mafra@ufv.br

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Mobilizamos conceitos e reflexões para tratar das controvérsias epistêmicas com Bruno Latour (1994, 2000, 2012) e das arenas transepistêmicas com Karin Knorr-Cetina (1981). Para a compreensão sobre o campo da comunicação, trouxemos os argumentos epistemológicos de Vera França (2001, 2016) e José Luiz Braga (2007, 2016).

2.1. Controvérsias epistêmicas de uma ciência em construção

A obra do filósofo e antropólogo francês Bruno Latour é atravessada por reflexões sobre controvérsias, sejam as que permeiam a modernidade (1994), sejam as epistêmicas relativas às próprias atividades científicas (2000). O autor considera ciência, tecnologia e sociedade como domínios coproduzidos, entrelaçados a partir de articulações e relações entre actantes - termo utilizado como uma forma neutra de se referir a atores/agentes tanto humanos como não humanos - e aponta que o trabalho dos pesquisadores sociais deve ser o de buscar associações, reunindo elementos heterogêneos (LATOURE, 2012). Com isso, Latour nos estimula a nos alimentar de controvérsias, rastreando conexões entre elas e não tentando decidir como resolvê-las.

A Teoria Ator-Rede (LATOURE, 2012) trata da sociologia das associações, da tradução, da mobilidade entre seres e coisas e confronta sociedade, ator e rede. Ela nos permite ver os actantes a partir de um olhar amplo, onde todos envolvidos devem ser levados em consideração, sendo humanos ou não-humanos. O social estaria na junção entre os diferentes agentes, evidenciando as associações formadas entre eles, bem como as instabilidades e redefinições.

Ao relacionarmos as reflexões de Latour à aposta que defendemos neste trabalho – a de que a cannabis/maconha pode ser um problema ao campo da comunicação – nosso argumento é de que as controvérsias em torno do tema se constituem em um processo de coprodução composto por diversos actantes humanos e não-humanos: substâncias, usuários, pacientes, familiares, cientistas, instituições reguladoras, financiadoras, produtoras, entre outros. Tais agentes seriam mediadores que precisam ser levados em conta a partir de suas especificidades, pois eles “transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam” (Latour, 2012, p. 65).

Identificar as controvérsias pode contribuir no detalhamento da dinâmica social que envolve a cannabis/maconha na contemporaneidade, pois tal dinâmica pode aparecer a partir de diferentes entidades e ações.

2.2. Arenas transepistêmicas da produção contextual e contingente da ciência

As reflexões da socióloga austríaca Karin Knorr-Cetina, conhecida por seu trabalho sobre epistemologia e construcionismo social, consideram os produtos da prática científica como "construções contextualmente específicas que têm como característica a situação contingente e a estrutura de interesse do processo pela qual foram geradas" (KNORR-CETINA, 1981, p. 5).

Knorr-Cetina denomina as relações envolvidas no processo de construção do conhecimento de arenas transc científicas ou arenas transepistêmicas. Essas arenas são onde o trabalho científico é envolvido em relações e atividades que transcendem o laboratório; onde interagem pessoas e argumentos; onde se misturam agências de financiamento, administradores, indústrias, editores, fornecedores, diretores de instituições de pesquisa; onde os cientistas se revezam em papéis científicos e não científicos (KNORR-CETINA, 1981).

A importância dada pela autora para a arena transepistêmica indica que o produto da ciência não é o resultado da ação autônoma e isolada dos cientistas, mas que o trabalho científico é definido e redefinido pelas interações de epistemes diversas.

Com base nessas reflexões, podemos considerar que a produção de conhecimento científico sobre cannabis/maconha também se desenvolve em campos (e arenas) diversificados - científicos, sociais, políticos, técnicos - onde se enredam elementos humanos e não-humanos.

2.3. Pontos de vista diversos e olhares específicos: o paradigma do modelo relacional

O percurso intelectual de Vera França é permeado por reflexões e problematizações sobre o campo da comunicação, seus objetos e especificidades. Para a autora, não importa o quão amplas e difundidas em outras atividades sejam as práticas que chamamos comunicativas, pois “a especificidade vem do olhar, ou do viés, que permite vê-las e analisá-las enquanto comunicação, isto é, na sua natureza comunicativa” (FRANÇA, 2001, p. 6).

França (2001) sintetiza que a comunicação compreende “um processo de produção e compartilhamento de sentidos entre sujeitos interlocutores, realizado através de uma materialidade simbólica (da produção de discursos) e inserido em determinado contexto sobre o qual atua e do qual recebe os reflexos” (FRANÇA, 2001, p. 16).

De acordo com França (2016), um paradigma de apreensão da dinâmica comunicacional inscrita no fenômeno a conduziu ao conceito de interações comunicativas, ou ao que é chamado modelo relacional da comunicação. Segundo ela, tal modelo se constitui na perspectiva que vem orientando seus trabalhos.

Para a autora, o “enigma da comunicação” está na diferença: “estudar a comunicação nos revela – ou nos faz deparar – com a extrema diferença que nos marca, que marca nossa sociedade” (FRANÇA, 2016, p. 223).

2.4. Uma inversão epistêmica necessária e tática: o paradigma indiciário

José Luiz Braga (2007, 2016) cunhou o que chamamos de paradigma indiciário: olhar para os indícios da realidade e construir o problema. O autor compreende a comunicação como ciência interpretativa, uma vez que sua validade de conhecimento não está no método em si, mas na capacidade de produzir inferências.

O percurso da pesquisa em comunicação é desmembrado por Braga (2016) em três níveis: o primeiro, epistemológico; o segundo, teórico-metodológico; o terceiro, tático. No trabalho de pesquisa, esses três níveis oferecem e cobram ações mutuamente.

Segundo o autor (2016), o nível tático nos proporciona o movimento de sempre voltar ao objeto, à realidade observada, o que faz possível chegar ao que mais nos interessaria como pesquisadores da comunicação: a revelação de contextos e de interações, a partir de uma capacidade de observar os indícios coletados com base nas teorias que estamos investigando. Braga alega a necessidade de se dar uma atenção especial ao nível tático e sustenta que ele pode gerar perguntas com maior probabilidade de serem “perguntas comunicacionais”.

O autor (2011) defende que na comunicação devemos fazer o movimento inverso, alterando a sequência que vem do epistemológico para o teórico-metodológico e deste para o nível tático. Para ele, deveríamos partir do nível tático, fazer o esforço do desenvolvimento teórico-metodológico e, a partir daí, chegar ao nível epistemológico.

Para além da inversão epistêmica proposta com a valorização do nível tático nas pesquisas em comunicação, Braga (2011, p.66) argumenta que o objeto da comunicação deve ser apreendido como “um certo tipo de processos epistemicamente caracterizados por uma perspectiva comunicacional”, sendo necessário o esforço de buscar a distinção do fenômeno nos processos sociais em geral.

A questão que atualmente parece central para a constituição interna do campo de estudos comunicacionais, de acordo com Braga (2011), está voltada para a busca de espaço em que possam ser desenvolvidas dinâmicas de articulação e de desafio mútuo entre ângulos diferenciados de observação do fenômeno comunicacional com o objetivo de obter composição e tensionamento de suas questões e hipóteses.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate público sobre a cannabis/maconha proporciona ao campo da comunicação diferentes possibilidades de olhar o tema. Para tratarmos da questão epistemológica na tentativa de buscar a validade do objeto de estudo (as controvérsias públicas em torno da cannabis/maconha) no campo da comunicação, procuramos trazer reflexões centradas na questão da especificidade de nosso saber.

Na perspectiva do olhar sobre as relações é que concebemos situar as controvérsias existentes em torno da cannabis/maconha como um problema ao campo da comunicação. A construção de conhecimento sobre o tema, seja em que área for, envolve diferentes recursos (intelectuais e materiais) e diferentes políticas relacionadas à atuação de vários e distintos actantes. A produção desse conhecimento não está restrita aos limites físicos dos laboratórios, mas, sim, envolve numa rede de relações que estendem o conceito de produção científica para além do limite do domínio intelectual dos cientistas.

A atuação de cada um dos agentes é importante para que as próprias controvérsias existam, instáveis e mutáveis, mantendo discussões abertas e em movimento. Tomar a comunicação como processo de troca entre sujeitos em determinado contexto, como ação compartilhada capaz de revelar cenários culturais, questões discursivas, presença de instituições e de tensionamentos, nos estimula a nos alimentar de controvérsias, rastreando conexões entre elas e não tentando decidir como resolvê-las.

Olhar para as controvérsias existentes em torno da cannabis/maconha com a perspectiva da comunicação como processo de troca, de partilha, de construção de

relações em contextos pode, portanto, legitimar epistemologicamente o objeto de estudo na medida em que “objetos de conhecimento não equivalem às coisas do mundo, mas são antes formas de conhecê-las; são perspectivas de leitura, são construções do próprio conhecimento” (FRANÇA, 2001, p. 6).

REFERÊNCIAS

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. *In*: XVI ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2007, Curitiba. **Anais do 16º Encontro Anual da COMPÓS**. Curitiba: Galoá, 2007, p. 1-16. Disponível em: http://compos.org.br/data/biblioteca_218.pdf. Acesso em: 22 ago. 2021.

BRAGA, José Luiz. Constituição do Campo da Comunicação. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, v. 25, n. 58, p. 62-77, 2011. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/924>. Acesso em: 11 ago. 2022.

BRAGA, José Luiz. O que é comunicação? **Líbero**, São Paulo, v. 19, n. 38, p. 15-20, 2016. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/794>. Acesso em: 22 ago. 2021.

BRANDÃO, Marcílio Dantas. O ‘problema público’ da maconha no Brasil: Anotações sobre quatro ciclos de atores, interesses e controvérsias. **Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, 2014. ISSN 2178-2792.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê? **Ciberlegenda**, Niterói, n. 5, 2001. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36784>. Acesso em: 22 ago. 2021.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Partilhando experiências: A atração e o desafio da comunicação. *In*: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). **Epistemologia da Comunicação no Brasil**: trajetórias autorreflexivas. São Paulo: ECA-USP, 2016, p. 209-224.

KNORR-CETINA, Karin. **The manufacture of knowledge**: an essay on the constructivist and contextual nature of science. New York: Pergamon Press, 1981.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Tradução: Carlos Irineu da Costa. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Niterói/RJ – 01 a 03/06/2023

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social:** uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Tradução:
Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012, 399 p.